

Austríacos no Brasil, objetos brasileiros na Áustria: um estudo sobre seis vestes mascaradas brasileiras e descolonização de museus etnográficos¹

Samuel Abner Fernandes Pinheiro (Universidade de Barcelona, Espanha)

Palavras-chave

Museus etnográficos - Colonialismo - Descolonização

Resumo

Este trabalho investiga os desafios que a falta de informações sobre objetos etnográficos podem representar para museus que buscam incorporar perspectivas descoloniais. O enfoque será dado a um estudo de caso de seis artefatos que compõem a coleção brasileira do Weltmuseum Wien, um museu etnográfico em Viena, Áustria. A coleção passou a ser constituída em 1817, a partir de uma expedição organizada pelo império austríaco em meio ao casamento de Maria Leopoldina, então princesa da Áustria, com Dom Pedro I, príncipe herdeiro do trono português. Desde essa expedição, artefatos etnográficos brasileiros foram transferidos a Viena em diferentes momentos, o que resultou em uma coleção de mais de 5.000 objetos alocados atualmente no Weltmuseum Wien. A instituição, inaugurada oficialmente em 2017, busca adotar práticas descoloniais comuns a museus etnográficos que desejam discutir criticamente o passado colonial associado a essas instituições. Ações colaborativas com grupos indígenas, exposições projetadas para discutir a relação entre museus etnográficos e colonialismo e projetos com lideranças indígenas são alguns exemplos de iniciativas desenvolvidas no Weltmuseum Wien. A pesquisa parte desse contexto para discutir como a falta de dados acerca da formação da coleção brasileira afeta o objetivo do Weltmuseum Wien de incorporar debates e práticas sobre descolonização. A análise se apoia na hipótese de que a ausência de informações sobre como a coleção foi formada dificulta identificar se houve violência colonial associada ao colecionismo de objetos. Sendo assim, a conclusão é que, sem dados precisos, a adoção de medidas reparatórias, restituições e a comunicação crítica do passado colonial atrelado às coleções etnográficas seriam comprometidas. Preocupação semelhante foi identificada para questões culturais dos artefatos, já que a inexistência de detalhes dos sentidos dos objetos para as comunidades originárias representa igualmente um desafio em manejar coleções etnográficas em contextos de descolonização.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

Introdução

Cerca de 7.000 pessoas se reuniram no centro histórico de Viena, capital da Áustria, em 25 de outubro de 2017 para presenciar a inauguração do Weltmuseum Wien, um museu que era novo, mas, ao mesmo tempo, não era. O Weltmuseum Wien substituiu o antigo Museu de Etnologia de Viena como uma tentativa de repensar as práticas de instituições etnográficas na Áustria e suas conexões com a expansão colonial europeia e a subjugação de populações não ocidentais (Augustat e Kapfhammer, 2017). Especialmente desde a década de 1990, museus etnográficos enfrentam críticas relacionadas às coleções coloniais e à exotização de culturas não europeias (Debrosse, 2023). Tal discussão influenciou a proposta museológica do Weltmuseum Wien, já que o museu busca confrontar a relação entre colonialismo e suas coleções etnográficas (Haag e Engelsman, 2017). No Weltmuseum Wien, a noção de descolonização envolve diferentes práticas, sendo uma das principais o estabelecimento de colaborações com comunidades representadas nas coleções de objetos. O propósito é estabelecer dinâmicas nas quais essas populações tenham voz e agência em relação aos objetos etnográficos (Augustat et al., 2012). Além disso, a ideia de descolonizar museus abrange, no caso do Weltmuseum Wien, uma abordagem crítica à exibição de artefatos em exposições, incluindo uma galeria permanente que aborda a relação do museu com a expansão colonial europeia (Augustat, 2019).

No entanto, a aplicação dessas medidas no Weltmuseum Wien alinhada a uma perspectiva descolonial também é marcada por desafios. Por exemplo, cartas do público do museu expressaram críticas negativas sobre a mudança nas práticas curatoriais após 2017 (Augustat, 2019). Outro desafio está relacionado às parcerias propostas com as comunidades representadas no acervo do museu. Ao desenvolver diálogos com essas populações, o Weltmuseum Wien tenta proporcionar um espaço no qual os membros da comunidade possam influenciar a forma como os objetos abrigados na instituição são gerenciados e exibidos. No entanto, não está claro se tais colaborações levam a resultados positivos para as comunidades em questão (Augustat e Kapfhammer, 2017).

Este trabalho tem como objetivo investigar outro desses desafios que envolvem o objetivo do Weltmuseum Wien de ser um museu etnográfico alinhado a uma abordagem descolonial. O objetivo principal é discutir qual é o impacto que a ausência de informações históricas representa para a implementação de ações descoloniais em museus etnográficos. Para abordar essa questão, a tese discute o caso da coleção

brasileira do Weltmuseum Wien, com enfoque em seis vestes mascaradas originárias dos Cubeo e Ticuna, dois povos indígenas.

O debate sobre a ausência de informações históricas sobre coleções e o efeito desse cenário na proposta de descolonizar museus etnográficos parte do pressuposto de que a falta de dados dificulta a compreensão sobre se objetos passaram a fazer parte de acervos de museus mediante situações de violência colonial. A premissa é que, nos casos em que os contextos históricos de formação das coleções não são evidentes, medidas reparatórias para as comunidades, processos de restituição de objetos e iniciativas voltadas à comunicação, em exposições, do passado colonial associado ao deslocamento dos artefatos de seus contextos originais enfrentam obstáculos adicionais para implementação. Essa suposição está relacionada à noção de que a história das coleções etnográficas influencia a forma de lidar com os objetos na contemporaneidade (Kakaliouras e Radin, 2014; Oswald, 2022). Em outras palavras, medidas descoloniais são pensadas em resposta ao histórico colonial associado às coleções etnográficas. Quando tal histórico de como objetos etnográficos foram colecionados não é evidente, práticas contemporâneas relacionadas à descolonialidade são impactadas.

A realização do estudo abrangeu três eixos metodológicos. O primeiro foi pesquisa em arquivos históricos do Weltmuseum Wien e do Museu de História Nacional de Viena para compreender a história da coleção brasileira na Áustria, com foco nas seis vestes mascaradas. Ao analisar os arquivos históricos, identifiquei quais informações estão disponíveis sobre como os objetos foram coletados, elemento essencial para o objetivo principal da pesquisa. Além disso, a pesquisa em arquivos possibilitou entender como diferentes museus austríacos incorporaram os objetos brasileiros às suas coleções entre os séculos XIX e XXI. Partindo da premissa de que a escassez de informações históricas sobre as coleções constitui um obstáculo para a adoção de iniciativas alinhadas à descolonização no Weltmuseum Wien, a análise dessas ações e de suas motivações requer uma discussão sobre a trajetória dos museus etnográficos e sua relação com o colonialismo, especialmente no contexto austríaco. A pesquisa em arquivos foi valiosa para essa finalidade.

O segundo eixo metodológico foi uma entrevista gravada com Claudia Augustat, curadora responsável pelas coleções sul-americanas do Weltmuseum Wien. Essa entrevista reuniu conversas e discussões que mantive com Augustat durante três meses como pesquisador convidado no Weltmuseum Wien. Considerando que o objetivo principal da pesquisa está relacionado com a falta de informações históricas sobre coleções de museus etnográficos, uma entrevista com a principal responsável pelos seis

objetos estudados nesta tese revelou-se relevante. Além disso, a entrevista com Augustat abordou a história das práticas alinhadas à descolonização implementadas no Weltmuseum Wien.

Por fim, o terceiro método de pesquisa consistiu em uma análise visual e material das seis vestes mascaradas. Esse método foi adotado para incluir descrições desses objetos com o objetivo de fornecer mais contexto e informações sobre os artefatos centrais para esta pesquisa. Além disso, a análise visual dos objetos foi relevante para verificar uma hipótese sobre como os objetos foram coletados, um aspecto diretamente relacionado ao objetivo principal do estudo.

A estrutura do trabalho é iniciada pelo histórico da coleção etnográfica brasileira do Weltmuseum Wien. Particularmente, o enfoque é na expedição científica de 1817 e na coleção Loreto-Paranaguá, já que as seis vestes mascaradas foram transferidas para Viena nesses dois momentos. A segunda parte do trabalho analisa a trajetória dos objetos brasileiros nos museus austríacos desde o século XIX. Por fim, a tese analisa as seis vestes mascaradas, explorando a ausência de informações históricas sobre esses objetos e em que medida essa falta de dados representa desafios para a abordagem descolonial promovida pelo Weltmuseum Wien.

No Brasil: a expedição austríaca de 1817, a coleção Loreto-Paranaguá e práticas de colecionismo

A expedição do Império Austríaco no Brasil começou a ser delineada a partir de uma aliança entre os Habsburgo, a família imperial austríaca, e os Bragança, a dinastia reinante portuguesa, no século XIX (Ferrão e Soares, 2019b). Nesse período, a presença de viajantes europeus no Brasil era pequena por conta de restrições impostas pela coroa portuguesa. Mesmo com tais dificuldades, houve a publicação de relatos sobre expedições europeias no Brasil, o que contribuiu para a imagem de um território de natureza exuberante, porém carente de civilização (França, 2012).

A associação entre o Brasil como “paraíso natural” e seu caráter pouco explorado até o século XIX ajuda a compreender o interesse dos Habsburgo pela região. A família imperial era conhecida pela longa tradição de interesse por ciência e colecionismo, sendo a posse de objetos artísticos e etnográficos um elemento central para a imagem que a família imperial mudou sobre si mesma (Karl, 2012). Artefatos provenientes do Brasil já integravam coleções austríacas antes de 1817, como o caso de armas Tupinambá inicialmente registradas na Áustria no século XVI e alocadas em Viena até os dias de hoje (Augustat e Feest, 2013).

As restrições adotadas pela coroa portuguesa no acesso ao território brasileiro mudaram em 1808 com a transferência da corte para o Rio de Janeiro (Schwarcz e Starling, 2015). Foi nesse contexto de abertura que a missão austríaca ao Brasil foi planejada. Em 1817, o casamento de Maria Leopoldina da Áustria com Dom Pedro I foi o pretexto para o envio de uma comissão científica composta por naturalistas, artistas e técnicos encarregados de coletar espécimes naturais e objetos etnográficos a serem enviados posteriormente a Viena (Ferrão e Soares, 2019b). Os enviados ao Brasil foram: Johan Cristoph Mikan, professor de botânica em Praga, dedicado principalmente às ciências naturais e à botânica; Johann Emmanuel Pohl, médico em Praga e especialista em mineralogia; Johann Natterer, zoólogo e assistente no Gabinete Imperial de História Natural; Heinrich Sochor, caçador oficial dos Habsburgos; Thomas Ender, pintor; Johann Barchberger, desenhista de plantas; e Schott, jardineiro real do Império Austríaco (Schreibers, 1820-1822).

Desde o início, a atuação desses exploradores esteve condicionada a redes de colaboração com indivíduos externos à missão oficial. Um exemplo é Georg Heinrich von Langsdorff, diplomata russo naturalizado alemão, cujo conhecimento do território brasileiro foi decisivo para a organização das primeiras incursões dos exploradores austríacos no Brasil (Schreibers, 1820–1822). A importância de redes de colaboração no contexto de expedições científicas em territórios não europeus é um tópico de discussão. Autores enfatizam como missões científicas europeias dependeram da colaboração com diferentes indivíduos, tanto europeus quanto não europeus, para viabilizar a circulação de objetos entre colônias e metrópoles, além de igualmente influenciar o desenvolvimento de conhecimento científico (Safier, 2010; Roberts, 2009). No caso brasileiro, essas redes incluíam populações indígenas, cujos saberes locais foram fundamentais para áreas como a medicina tropical, conforme demonstrado por Furtado (2008). Na expedição de 1817, Langsdorff é o primeiro exemplo dessa rede de atores que sustentou e colaborou com os exploradores austríacos na coleta e no transporte de objetos etnográficos e espécimes naturais do Brasil para a Áustria.

Entre os sete membros da missão, dois desempenharam papéis centrais em colecionar objetos originários de populações indígenas brasileiras: Johann Emmanuel Pohl e Johann Natterer. Desde 1817, Pohl realizou expedições em Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso, reunindo principalmente amostras minerais, mas também cerca de 120 objetos etnográficos provenientes de pelo menos oito grupos indígenas antes de finalizar sua expedição, em 1821 (Feest, 2012). Seus diários indicam uma postura crítica em relação à violência sofrida por populações indígenas durante o século XIX. Ao mesmo

tempo, Pohl também se valeu de coerção e pressão para adicionar objetos etnográficos à sua coleção (Pohl, 1951; Augustat, 2013). Um desses casos ocorreu quando o naturalista se interessou por um machado pertencente a uma mulher indígena. Ele tentou negociar com ela, mas a mulher não aceitou. Então, Pohl entrou em contato com um oficial para facilitar a negociação. De fato, o oficial pressionou a mulher a entregar o artefato a Pohl, resultando na integração do objeto à coleção do naturalista austríaco (Pohl, 1951).

Natterer, por sua vez, permaneceu no Brasil até 1835 e foi o último a retornar à Áustria. Por conta disso, ele desenvolveu uma extensa coleção ao longo de quase 18 anos. Sua atuação foi fortemente moldada por redes de colaboração locais, que incluíam diplomatas, militares, guias fluviais (frequentemente indígenas) e pessoas escravizadas. Embora o naturalista tenha raramente registrado detalhadamente esses colaboradores, fontes históricas indicam que tais agentes foram fundamentais para a exploração do território e para a preservação do material coletado, especialmente em viagens fluviais pela Amazônia (Schreibers, 1820–1822; Natterer, 1818-1839).

Um exemplo significativo dessas redes foi a colaboração entre Natterer e o tenente brasileiro Antônio Peixoto de Azevedo. O tenente mantinha relações consolidadas com grupos indígenas, como os Apiacás e Mundurukus, e auxiliou diretamente na coleta de artefatos para serem adicionados à coleção de Natterer (Natterer, 1812–1839; Schmutzer, 2013). De modo semelhante, o comandante Jeronymo Joaquim Nunes contribuiu para a coleção ao doar a Natterer um crânio de um indivíduo Chamacoco (Feest, 2013). A expedição do explorador austríaco também dependeu do trabalho de pessoas escravizadas. Após a morte do caçador Heinrich Sochor, em 1826, o naturalista treinou Luiz, homem escravizado oriundo do Congo, para caçar animais, especialmente pássaros. Luiz viveu com Natterer durante grande parte da expedição e foi central para a manutenção da coleção de história natural, embora só tenha sido libertado em 1835, quando o naturalista retornou à Áustria (Goeldi, 1896; Wallace, 2004). Essas colaborações evidenciam como agentes locais foram fatores importantes para a circulação de objetos indígenas até Viena, assim como Langsdorff havia sido nos estágios iniciais da missão.

Mesmo após o retorno de Natterer à Áustria, objetos indígenas brasileiros continuaram a ser enviados a Viena. Esse foi o caso da coleção Loreto-Paranaguá, incorporada ao Museu de História Natural de Viena em 1907 (Augustat e Feest, 2013). Reunida pelo Conde Paranaguá, então presidente da província do Amazonas, a coleção foi formada em um contexto de maior contato com comunidades indígenas da região amazônica e de melhoria na circulação fluvial entre os rios da floresta (Moura, 2014). A

Exposição Antropológica Brasileira de 1882 também desempenhou papel relevante para entender o interesse do Conde Paranaguá pela cultura material de povos indígenas brasileiros, já que a organização do evento incentivou que autoridades provinciais, como o próprio Conde, reunissem artefatos etnográficos para serem expostos na capital do império (Vieira, 2019).

Assim como ocorreu durante a expedição de 1817, a formação da coleção Loreto-Paranaguá dependeu de uma rede de colaboradores responsáveis pelo deslocamento dos objetos do interior da Amazônia até o Rio de Janeiro, onde os artefatos foram alocados na casa de Amanda Loreto, irmã do Conde Paranaguá. Cartas escritas pelo Conde apontam o envio de artefatos para o Rio de Janeiro por intermédio de militares e outros agentes locais, dinâmica semelhante à adotada por Natterer décadas antes (Paranaguá, 1883; Natterer, 1812–1839). Além disso, o Conde Paranaguá também contou com o auxílio de agentes que colecionaram artefatos para ele, como o caso de um colaborador chamado Alexander Haag. Nos acervos históricos acessados, alocados no Weltmuseum Wien sobre a coleção Loreto-Paranaguá, não foi possível encontrar detalhes de Haag. No entanto, em correspondências escritas entre ele e o Conde Paranaguá, é evidente que Haag colecionou objetos para o conde, em alguns casos em meio a episódios de conflito e violência (Haag, 1884).

Em resumo, tanto a expedição de 1817 quanto a coleção Loreto-Paranaguá, ambas até hoje presentes em Viena, foram sustentadas por redes complexas de colaboração, que envolveram diplomatas, autoridades locais, militares, populações indígenas e pessoas escravizadas. Essas redes foram fundamentais não apenas para a coleta e o transporte de artefatos, mas também para moldar os próprios contornos das coleções hoje preservadas na Áustria. Embora distintas quanto à autoria, sendo uma conduzida por agentes do Império Austríaco e a outra por colecionadores brasileiros, ambas compartilham a dependência de intermediários e contextos de violência e etnocentrismo característicos na história do colecionismo europeu (Pollock, 2023).

Em Viena: objetos etnográficos brasileiros e práticas museológicas entre o século XIX e XXI

Os objetos provenientes do Brasil e enviados a Viena a partir da expedição de 1817 foram incorporados em diferentes instituições austríacas desde o século XIX. O objetivo dessa subseção é explorar esses diferentes movimentos de artefatos etnográficos brasileiros na Áustria, tendo em conta cinco instituições museológicas. Ao fornecer detalhes sobre a integração desses objetos em diversos museus vienenses, o

objetivo é observar o histórico do manejo de tal coleção, partindo de concepções associadas a ideias etnocêntricas sobre populações não-europeias e suas respectivas culturas materiais para práticas alinhadas a ideias de descolonização de museus etnográficos.

Inicialmente, os materiais coletados pelos naturalistas austríacos durante a expedição de 1817 deveriam ser incorporados ao Gabinete Imperial de História Natural, localizado no Palácio Imperial de Viena (Feest, 2013). Contudo, a limitação de espaço do gabinete levou à criação do Museu Brasileiro de Viena, inaugurado em 1821 no Palácio Harrach, na capital austríaca. A instituição possuía treze salas dedicadas a artefatos brasileiros. Animais, plantas, minerais, objetos etnográficos e pinturas de Thomas Ender foram expostos no local (Scholler, 1963). O Museu Brasileiro perdurou até 1836, ano em que a instituição foi fechada. Com o encerramento, os objetos deveriam ser direcionados ao Gabinete Imperial de História Natural, mas o diretor da instituição, Carl von Schreibers, opôs-se à incorporação de artefatos etnográficos na instituição (Feest, 2013). Como alternativa, foi criado o Museu Imperial-Real de Etnografia, que reunia objetos etnográficos brasileiros e coleções de outras regiões (Augustat, 2012). Inaugurado em 1838 na Casa do Imperador, nos arredores de Viena, o museu foi responsabilidade de Johann Natterer, já de volta à Áustria após seus anos no Brasil. A coleção brasileira predominava na exposição: quatro das cinco salas eram dedicadas quase integralmente aos objetos da expedição de 1817 (Feest, 2013).

O modelo expositivo adotado no Museu Imperial-Real de Etnografia desconsiderava os significados e usos dos artefatos nas comunidades indígenas de onde foram originários. Objetos de diferentes povos indígenas eram dispostos em mesmos arranjos e guiados por critérios estéticos e regionais, e não por seus usos e contextos culturais (Augustat, 2012). Um exemplo emblemático foi a criação de figuras humanas a partir da combinação de objetos originários dos povos indígenas Ticuna, Baniwa e Tucano, apagando as especificidades de cada grupo e dos respectivos artefatos para priorizar o caráter estético da exposição: no caso, o interesse em criar figuras humanoides a partir dos objetos colecionados no Brasil. Além disso, as legendas dispostas na exposição do Museu Imperial-Real de Etnografia eram vagas, limitando-se à indicação da nação ou continente de origem e do colecionador, sem explicitar etnias indígenas ou como as populações originárias utilizavam os artefatos na vida cotidiana (Feest, 2013). Esse tipo de exibição reflete uma perspectiva ocidental que tratava artefatos indígenas a partir de concepções e estéticas europeias (Bottesi, 2024). Além disso, a divisão regional de objetos, que eram categorizados principalmente a partir do

local de origem, é outro reflexo de noções ocidentais sobre o globo vinculadas à consolidação da geografia a partir do expansionismo europeu (Kent et al., 2019; Turner, 2020).

O evolucionismo foi uma corrente que influenciou, principalmente entre o século XIX e o começo do XX, a forma com que objetos etnográficos eram expostos em museus europeus (Schwartz, 1989). Concepções evolucionistas propagavam a ideia de que havia estágios lineares em que algumas culturas eram mais evoluídas e outras encaradas como primitivas. Em exposições etnográficas, tais ideias fundamentaram a disposição de objetos em uma suposta linha evolutiva para mostrar à audiência como objetos poderiam ser a materialização da evolução entre diferentes sociedades (Bennett et al., 2017). No entanto, é importante ressaltar que não há evidências da adoção de ideais evolucionistas na forma como coleções eram dispostas no Museu Imperial-Real de Etnografia. Tal modelo expositivo não foi adotado inicialmente em museus em países de língua alemã. Em tais localidades, que incluem a Áustria, a organização de artefatos etnográficos em museus tinha como objetivo se afastar de uma ideia de hierarquia entre sociedades humanas (Penny, 2008).

Após o fechamento do Museu Imperial-Real de Etnografia em 1840, os objetos etnográficos brasileiros colecionados durante a expedição de 1817 foram armazenados por décadas em diferentes instituições, como o Gabinete Zoológico Imperial, o Palácio Augarten e a Biblioteca Imperial, por conta da falta de interesse nos artefatos (Feest, 2013). A situação mudou em 1876, com a fundação do Museu de História Natural de Viena e a criação de um departamento dedicado à etnografia (Feest et al., 1980). Sob a direção de Ferdinand von Hochstetter e Franz Heger, as coleções etnográficas passaram a ser exibidas a partir de 1889 no então novo museu. Os objetos brasileiros eram organizados por categorias como armas, vestimentas, instrumentos musicais e outros artefatos diversos (Hauer, 1909).

Assim como no museu anterior, a exposição no Museu de História Natural de Viena não seguia princípios evolucionistas explícitos. Heger rejeitava disposições tipológicas ou séries evolutivas, priorizando uma abordagem regional (Feest et al., 1980). Contudo, é possível presumir que, considerando a similitude com que ocorreu no Museu Brasileiro de Viena e no Museu Imperial-Real de Etnografia, a categorização por regiões e tipos de objetos reforçava perspectivas ocidentais sobre culturas não europeias. Tal percepção está de acordo com a noção de que a violência associada às coleções etnográficas não se limita ao saque físico de objetos, mas inclui igualmente processos de classificação, deslocamento e produção de conhecimento centrado em

noções ocidentais a partir da cultura material de populações não-europeias (Pollock, 2023). Kirshenblatt-Gimblett (1991) destaca que objetos etnográficos são construídos por meio da definição, separação e recontextualização museológica. Em outras palavras, a própria delimitação de que determinado artefato é “etnográfico” parte de operações de poder que definem novas ideias atreladas a não-europeus.

A partir de 1926, o Departamento de Antropologia e Etnografia alcançou a independência institucional do Museu de História Natural, o que consolidou a necessidade de um museu específico para essas coleções. Foi nesse contexto que surgiu o Museu de Etnologia de Viena, inaugurado entre 1926 e 1928. O museu foi a quarta instituição austríaca responsável pelos objetos etnográficos brasileiros, que foram plenamente integrados na década de 1930 (Augustat e Feest, 2013). Antes da Segunda Guerra Mundial, havia uma conexão entre a forma como o Museu de Etnologia de Viena exibia os artefatos e concepções evolucionistas: na instituição, as exposições da coleção brasileira retratavam populações indígenas como culturas arcaicas em contraste com o Ocidente, representado como o ápice da civilização humana (Augustat, 2021). Esse modelo começou a ser questionado na segunda metade do século XX, culminando na exposição *Brazilian Indians*, uma tentativa de se afastar de representações primitivistas que tomavam as populações originárias brasileiras como incivilizadas (Becker-Donner, 1970).

A quinta instituição austríaca responsável pela coleção etnográfica brasileira na Áustria foi o Weltmuseum Wien, museu inaugurado em 2017 em substituição ao Museu de Etnologia de Viena. A nova instituição marcou uma mudança institucional: o recém-inaugurado museu se alinhava a debates pós-coloniais e decoloniais no tratamento de objetos de origem não-europeia (Augustat e Kapfhammer, 2017). Reconhecendo que grande parte das coleções alocadas no museu foi adquirida mediante a expansão colonial europeia, o Weltmuseum Wien adotou diferentes práticas conectadas à decolonização de museus, como colaboração com comunidades indígenas, problematização do colonialismo europeu e revisão de suas exposições para evitar discursos etnocêntricos (Verbergt, 2020). Inspirado pela noção de museus como zonas de contato (Pratt, 1992; Clifford, 1997), o Weltmuseum Wien defende o diálogo entre curadores e representantes indígenas, sintetizado no lema “not about them without them” (Augustat e Kapfhammer, 2017).

No caso das coleções brasileiras, colaborações com povos indígenas vêm sendo desenvolvidas desde 2005. Exemplos incluem a exposição *Beyond Brazil* (2012), que contou com a participação de representantes da comunidade indígena Sateré-Mawé. O

grupo colaborou no projeto curatorial da exposição (Augustat, 2012). A galeria permanente dedicada à coleção brasileira no Weltmuseum Wien também foi desenvolvida a partir de consultas a diferentes comunidades indígenas representadas nos objetos expostos, como foi o caso dos Mundurucus (Ward, 2021). Essas iniciativas procuram integrar conhecimentos acadêmicos e saberes tradicionais de modo a incluir populações indígenas que, historicamente, não tiveram acesso aos objetos alocados em museus europeus.



Imagem 1: Exposição com objetos dos Mundukuru na mostra “Um Mosaico Austríaco do Brasil” no Weltmuseum Wien. O grupo indígena foi contatado durante o projeto curatorial desta exposição.

Fotografia tirada pelo autor.

Contudo, autores têm chamado atenção para os riscos das colaborações entre museus e comunidades indígenas, como quando essas relações permanecem atravessadas por assimetrias históricas de poder. Clifford (1997) defende a noção de museus como zonas de contato no sentido de serem espaços onde encontros estruturados por desigualdades políticas, epistemológicas e institucionais podem ocorrer entre diferentes sujeitos. Nesse sentido, práticas colaborativas podem não apenas falhar

em superar tais assimetrias, mas contribuir para sua continuidade. Boast (2011b) dialoga com tal concepção ao problematizar o discurso da colaboração e afirmar que abordagens participativas podem resultar em mecanismos neocoloniais nas relações entre museus e populações tradicionais. Embora o autor reconheça o potencial positivo dessas iniciativas, ele adverte que elas podem “destruir o próprio empoderamento que pretendem promover” (Boast, 2011b, p. 57), sobretudo quando os termos da colaboração continuam sendo definidos prioritariamente pelas instituições.

No contexto do Weltmuseum Wien, Claudia Augustat, curadora responsável pelas coleções da América do Sul, observa que, embora comunidades indígenas brasileiras participem e apoiem processos colaborativos, essas interações ainda se desenvolvem em um quadro relacional assimétrico entre a instituição e os grupos envolvidos (Augustat, 2025). A situação resulta em uma questão em aberto sobre os benefícios dessas colaborações para as comunidades indígenas. No caso do Weltmuseum Wien, embora tais relações tenham sido vantajosas para a instituição, não é possível afirmar com clareza em que medida elas resultam em ganhos efetivos para os grupos indígenas envolvidos (Augustat e Kapfhammer, 2017). Esse impasse evidencia as dificuldades de implementar práticas museológicas que consigam, de fato, enfrentar as dinâmicas assimétricas associadas ao passado colonial dos museus (Soares, 2024).

Em síntese, o Weltmuseum Wien tem adotado medidas alinhadas à descolonização museológica, distinguindo-se das instituições vienenses que, desde o século XIX, abrigaram objetos brasileiros a partir de lógicas eurocêntricas. No entanto, essas práticas contemporâneas permanecem tensionadas por dinâmicas assimétricas e pela escassez de informações históricas sobre a formação das coleções. Esse cenário evidencia os desafios enfrentados por museus etnográficos ao lidar com objetos associados ao expansionismo europeu, questão que será discutida na próxima seção deste trabalho tendo em vista o caso de seis vestes mascaradas da coleção brasileira em Viena.

Proveniência incerta: um debate sobre seis vestes mascaradas

O objetivo principal desta pesquisa foi analisar o desafio que a falta de informação histórica sobre como objetos etnográficos foram colecionados representa para iniciativas decoloniais em museus contemporâneos. Para investigar o tema, a pesquisa foi centrada no caso de seis vestes mascaradas da coleção brasileira do Weltmuseum Wien.



Imagem 2: Veste mascarada Ticuna (número de inventário 1.477) no Weltmuseum Wien. Fotografia tirada pelo autor.

Duas das vestes foram incorporadas à coleção vienense por Johann Natterer na década de 1830, durante suas viagens pela Amazônia (Weltmuseum Wien, s.d.). Ambas pertencem ao povo Ticuna, que habita a região próxima às fronteiras entre Brasil, Peru e Colômbia (Oro, 1978). Os trajes são confeccionados majoritariamente com tururi, tecido vegetal produzido a partir da casca interna de determinadas árvores, embora os inventários históricos do museu austríaco descrevam o material como *torori* (Heger, 1910; Teixeira, 2022). Predominantemente bege, os trajes apresentam pinturas realizadas pelos Ticuna, incluindo representações faciais, além de fibras naturais marrons em áreas como tronco, mangas e extremidades. Um dos trajes possui máscara de vime escura, com pinturas brancas, e um grande falo, elemento cujo significado está associado ao ritual da Nova Moça, cerimônia que marca a transição da infância para a vida adulta feminina entre os Ticuna (Matarezio, 2019). Durante o ritual, acredita-se que os trajes possam ser incorporados por espíritos (Feest et al., 1980). No caso das vestes presentes no Weltmuseum Wien, elas poderiam ser incorporadas por espíritos distintos: um deles possivelmente associado a um espírito da árvore, considerado benigno, e o

outro ao espírito da tempestade Omá, entendido como perigoso e agressivo, cuja atuação ritual simboliza os riscos enfrentados pelas mulheres ao atingir a maturidade (Feest et al., 1980).

As outras quatro vestes mascaradas da coleção brasileira do Weltmuseum Wien pertencem ao povo indígena Cubeo e foram transferidas a Viena após a aquisição da coleção Loreto-Paranaguá (Heger, 1910). Os Cubeo vivem às margens do rio Uaupés, na região amazônica que atravessa Brasil, Colômbia e Venezuela (Goldman, 1979). Os quatro trajes apresentam características materiais semelhantes: são feitos de ráfia, predominantemente bege, com parte superior cônica e escura, e pinturas geométricas no tronco, especialmente em forma de losangos. Apenas um dos trajes possui representações faciais, e a parte inferior é composta por tiras soltas de ráfia (Becker-Donner et al., 1970).

A principal hipótese sobre o uso desses trajes entre os Cubeo é sua associação a rituais funerários. Catálogos de exposições e estudos etnográficos indicam que trajes semelhantes eram utilizados em cerimônias de luto, o que é corroborado pela descrição de Goldman (1979), cujas observações correspondem às características físicas dos objetos preservados em Viena. Desse modo, é possível presumir que os objetos representam espíritos denominados *takahédekokü* (espíritos da casca), que deveriam ser incorporados exclusivamente por homens durante danças funerárias (Goldman, 1979). Embora Koch-Grünberg (1906) afirme que esses trajes eram tradicionalmente queimados após os rituais por seu caráter sagrado, Goldman (1969) observa que alguns eram preservados e reutilizados, sugerindo que nem todos possuíam o mesmo grau de sacralidade.

O processo de incorporação das seis vestes Ticuna e Cubeo à coleção vienense permanece parcialmente documentado. A escassez de informações sobre coleta e circulação não é exclusiva do Weltmuseum Wien, mas constitui uma característica recorrente das coleções etnográficas formadas entre os séculos XVI e XIX (Feest, 1995). No caso dos trajes Ticuna, sabe-se que foram levados a Viena por Natterer, que reuniu ao todo 41 objetos desse grupo (Höldrich, s.d.). Contudo, o naturalista não visitou diretamente as regiões onde os Ticuna vivem, o que levanta questionamentos sobre como o naturalista teve acesso aos trajes. Embora existam referências aos Ticuna (grafados como *Tacunas*) em documentos escritos por Natterer, essas fontes não esclarecem as circunstâncias da coleta (Natterer, 1812–1839; Heger, 1910).

A partir da análise arquivística de documentos associados à coleção de Natterer, foi identificado o termo *torori*, termo utilizado para definir o material das vestes Ticuna,

em uma lista de objetos escrita por Natterer. A lista em questão faz referência a uma caixa de artefatos que deixaria o Brasil para ser direcionada a Viena. O documento ainda inclui a anotação *mit Henriques* (com Henriques, em alemão), possivelmente indicando um colaborador ou intermediário envolvido no transporte ou na coleta dos objetos (Natterer, s.d.). No entanto, não há registros adicionais que permitam identificar essa pessoa ou confirmar seu papel em relação aos objetos identificados como *torori*. Diante disso, é possível hipotetizar que os trajes Ticuna provavelmente foram incorporados à coleção por meio de redes de colaboração locais, prática recorrente nas atividades de Natterer durante sua permanência no Brasil, como já explorado na seção *No Brasil: A Expedição Austríaca de 1817, a Coleção Loreto-Paranaguá e Práticas de Coleccionismo* deste trabalho.



Imagem 3: Veste mascarada Cubeo da coleção do Weltmuseum Wien (n.º de inventário 86.645).

Fotografia tirada pelo autor

Outra hipótese para explicar como Natterer teve acesso às duas vestes Ticuna seria a colaboração com outros exploradores europeus que tiveram contato direto com os Ticuna, como Spix e Martius. Esses naturalistas bávaros foram ao Brasil juntamente com os outros exploradores austríacos em 1817 e presenciaram o ritual da Nova Moça

no Alto Solimões (Spix e Martius, 2017). No entanto, os trajes Ticuna da coleção vienense são datados como colecionados na década de 1830, o que enfraquece a hipótese de que Spix e Martius foram os responsáveis por colecionar os dois trajes, já que ambos retornaram à Bavária em 1820. Ademais, não há referências documentais sobre trocas entre esses exploradores e Natterer (Natterer, 1812–1839).

De forma parecida, dados de proveniência dos trajes Cubeo apresentam lacunas. A coleção Loreto-Paranaguá é caracterizada pela escassez de informações sobre os processos de aquisição de objetos (Moura, 2014; Augustat e Feest, 2013). Uma hipótese inicialmente considerada foi que as quatro vestes Cubeo foram integradas aos objetos de Loreto-Paranaguá a partir do explorador italiano Ermanno Stradelli, que atuou na região do Uaupés no final do século XIX e havia colecionado objetos da mesma natureza. No entanto, análises visuais comparativas entre fotografias da coleção Stradelli, onde é possível observar vestes mascaradas adquiridas por Stradelli, e os trajes Cubeo alocados no Weltmuseum Wien indicam que se trata de objetos distintos, especialmente no que diz respeito aos padrões gráficos, que variam conforme o artista indígena responsável pela produção da peça (Goldman, 1979).

Por outro lado, a pesquisa arquivística sobre os objetos reunidos por Conde Paranaguá e seus colaboradores resultou em uma hipótese sobre como as quatro vestes Cubeo foram colecionadas. Em uma carta do Conde Paranaguá à Baronesa de Loreto, o conde menciona o recebimento de um traje festivo indígena do rio Uaupés por intermédio de um missionário (Paranaguá, 1883). Considerando a descrição do objeto, como traje festivo, e da sua região de origem, o rio Uaupés, é possível hipotetizar que o Conde Paranaguá fazia referência a uma veste mascarada Cubeo nessa carta. No entanto, a ausência de descrições detalhadas e de identificação do grupo indígena no documento impede a confirmação dessa hipótese.

Diante dessas lacunas sobre como as seis vestes mascaradas foram colecionadas, a pesquisa conclui que não é possível determinar com precisão as circunstâncias em que os seis trajes mascarados foram retirados das suas populações de origem para serem encaminhados a Viena. O estudo de documentos históricos presentes no Weltmuseum Wien e no Museu de História Natural de Viena, além da investigação de elementos materiais dos seis artefatos, permitiu a identificação de hipóteses até então inéditas: em relação às vestes Ticuna, é apontado que potencialmente um colaborador de Natterer chamado Henriques esteve envolvido com a transferência dos objetos; já quando se trata dos trajes Cubeo, considera-se que o Conde Paranaguá teve acesso a pelo menos um dos artefatos por meio de um missionário. No entanto, a ausência de documentação limita a

compreensão do processo de formação completo dessa coleção, possibilitando determinar somente hipóteses com base nos arquivos disponíveis.

A ausência de informações históricas representa implicações diretas para a atuação de museus etnográficos contemporâneos. Como já discutido, o Weltmuseum Wien tem buscado adotar práticas alinhadas a debates contemporâneos sobre descolonização museológica, que defendem a incorporação de perspectivas não ocidentais às instituições com histórico fortemente associado ao colonialismo europeu (Rivet, 2020). Ao considerar que as condições de coleta de objetos etnográficos produzem efeitos duradouros sobre pesquisadores, profissionais de museus e comunidades de origem, estabelecendo uma relação direta entre o passado colonial das coleções e as formas contemporâneas de gestão e interpretação desses acervos (Kakaliouras e Radin, 2014), argumenta-se que a falta de informações históricas sobre práticas de colecionismo pode limitar a capacidade do Weltmuseum Wien de avaliar se a formação das coleções envolveu violência ou coerção, o que, por sua vez, representa um desafio para iniciativas institucionais voltadas à superação de lógicas coloniais.



Imagem 3: Veste mascarada Cubeco da coleção do Weltmuseum Wien (n.º de inventário 86.644).

Fotografia tirada pelo autor.

Essas questões foram discutidas em entrevista e conversas informais com Claudia Augustat, curadora das coleções da América do Sul do museu vienense, que reconhece a relevância da informação histórica para decisões curatoriais, especialmente em casos nos quais é possível estimar contextos problemáticos de aquisição (Augustat, 2025). A curadora ressalta, no entanto, que a ausência de dados não deve justificar automaticamente a exclusão de objetos de exposições, argumentando que a apresentação pública desses artefatos pode contribuir para debates críticos sobre colonialismo e formação de coleções (Gazi, 2014). Nesse sentido, manter objetos com passado potencialmente associado à pilhagem colonial apenas em reservas técnicas seria incompatível com princípios de transparência institucional de museus etnográficos.

Ao mesmo tempo, Augustat enfatiza que nem todas as exposições exigem o mesmo grau de explicitação histórica, uma vez que a relevância da proveniência depende dos temas abordados. Exposições centradas em colonialismo ou escravidão, por exemplo, demandariam maior contextualização histórica de como objetos foram adicionados a museus europeus. Por outro lado, mostras que não contam com um debate direto sobre temas relacionados ao passado colonial de coleções etnográficas não precisariam contar necessariamente com informações de proveniência de objetos (Augustat, 2025). Essa posição entra em tensão com recomendações institucionais, como a do ICOM, que sugerem evitar a exibição de materiais de origem questionável ou sem proveniência documentada (ICOM, 2017).

Paralelamente à dimensão histórica, Augustat aponta que o conhecimento etnográfico constitui um elemento fundamental para a prática curatorial. A curadora argumenta que compreender os significados culturais de objetos para as comunidades de origem é essencial para avaliar se a exibição pública de coleções pode ser problemática, especialmente no caso de artefatos dotados de caráter sagrado. No Weltmuseum Wien, essa preocupação se reflete em estratégias expositivas que buscam respeitar práticas culturais indígenas. Esse é o caso de um instrumento musical originário do grupo indígena Juruparis. Para essa comunidade, o objeto em questão não pode ser visto pela audiência em geral por questões de sacralidade do artefato. Sendo assim, na exposição do Weltmuseum Wien, o instrumento musical está exposto, mas somente para ser ouvido: visitantes estão impossibilitados de observar o objeto por conta de uma estrutura que o esconde (Augustat, 2025).

No que se refere aos seis trajes mascarados analisados nesta pesquisa, há indícios de que são objetos ritualísticos e sagrados para os povos Ticuna e Cubeo, sobretudo considerando que são trajes utilizados em cerimônias como simulacros para

incorporação de espíritos e normalmente destruídos após os rituais (Feest et al., 1980; Goldman, 1979; Koch-Grünberg 1906). Nesse sentido, a permanência desses objetos em coleções museológicas pode ser interpretada como problemática à luz das culturas indígenas originárias. Ainda assim, Augustat argumenta que a remoção desses artefatos de seus contextos originais altera a percepção de perigo atrelada a esses objetos, uma vez que os riscos associados à sua presença deixam de operar nas comunidades indígenas por fazerem parte de um espaço museológico (Augustat, 2025).

Conclusão

Este trabalho teve como objetivo discutir seis vestes mascaradas transferidas do Brasil para a Áustria a fim de compor coleções etnográficas em Viena. A partir desse caso, o trabalho discutiu a história de objetos etnográficos de origem brasileira alocados na Áustria, as práticas museológicas atreladas a esses artefatos em cinco museus austríacos desde o século XIX e o caso dos seis trajes mascarados. Baseado nos arquivos do Weltmuseum Wien e do Museu de História Natural de Viena, o estudo trouxe hipóteses inéditas de como os artefatos foram potencialmente integrados a coleções etnográficas na Áustria. Além disso, a pesquisa também trouxe a discussão de como a falta de informações sobre a proveniência de objetos etnográficos afeta práticas museológicas contemporâneas a partir de entrevistas e conversas informais com Claudia Augustat, a curadora responsável pela coleção brasileira do Weltmuseum Wien.

Em síntese, a análise dessa pesquisa argumenta que a ausência de informação histórica impõe limites importantes à atuação de museus etnográficos, especialmente no que se refere à possibilidade de reconhecimento de violências do passado e à implementação de medidas reparatórias no presente. Contudo, também é importante apontar que essa ausência de informações de proveniência não inviabiliza, por si só, o uso de objetos etnográficos em museus contemporâneos, já que outros fatores precisam ser igualmente considerados. O conhecimento etnográfico sobre os objetos em questão e os significados atribuídos aos artefatos pelas comunidades originárias são exemplos. É importante considerar tais aspectos a fim de integrar perspectivas de grupos indígenas às práticas museológicas contemporâneas para evitar, por exemplo, expor objetos de caráter sagrado para audiência em geral. Tal abordagem contrasta com modelos expositivos do passado que ignoravam os significados e importâncias de artefatos para as populações de origem, focalizando majoritariamente em visões ocidentais sobre artefatos etnográficos. Dessa forma, o comprometimento em integrar grupos indígenas

em museus etnográficos pode reforçar os debates sobre descolonização dessas instituições (Bottesi, 2024; Pollock, 2023; Rivet, 2020).

Referências bibliográficas

- AUGUSTAT, Claudia. (maio 2025). Entrevistador: Samuel Abner Fernandes Pinheiro. Viena, 2025. 1 arquivo .mp3 (143 min.).
- AUGUSTAT, Claudia. Colonising memory: Indigenous heritage and community engagement. In DRIVER, Felix; NESBITT, Mark; CORNISH, Caroline. (org.). **Mobile Museums: Collections in Circulation**. Londres: UCL Press, 2021, p. 283–302.
- AUGUSTAT, Claudia. Dealing with the colonial past at the Weltmuseum Wien: a curator's perspective. **Journal of Museum Ethnography**, n. 32, p. 17–31, 2019. <https://www.jstor.org/stable/26802052>
- AUGUSTAT, Claudia; KAPFHAMMER, Wolfgang. Looking back ahead: a short history of collaborative work with indigenous source communities at the Weltmuseum Wien. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 12, n. 3, p. 749-764, dez. 2017. <https://doi.org/10.1590/1981.81222017000300005>
- AUGUSTAT, Claudia; FEEST, Christian. Brazil in the Weltmuseum Wien. In PLANKENSTEINER, Barbara; SCHICKLGRUBER, Christian; STEINMANN, Axel. (org.). **Archive Weltmuseum Wien, 63-64**. Viena: Lit Verlag, 2013, p. 286–292.
- AUGUSTAT, Claudia. In the shadow of Johann Natterer: Johann Emanuel Pohl's ethnographic collection. In PLANKENSTEINER, Barbara; SCHICKLGRUBER, Christian; STEINMANN, Axel. (org.). **Archive Weltmuseum Wien, 63-64**. Viena: Lit Verlag, 2013, p. 96-107.
- AUGUSTAT, Claudia et al. Visit to the Emperor's House: On the Cooperation between Museums and Source Communities. In: AUGUSTAT, Claudia (org.). **Beyond Brazil Exhibition Catalogue**. Viena: Weltmuseum Wien, 2012, p. 117-125.
- AUGUSTAT, Claudia. Beyond Brazil. In: AUGUSTAT, Claudia (org.). **Beyond Brazil Exhibition Catalogue**. Viena: Weltmuseum Wien, 2012, p. 13-17.
- BECKER-DONNER, Etta et al. **Brasiliens Indianer**. Viena: Museum für Völkerkunde. 1970.
- BENNETT, Tony et al. **Collecting, Ordering, Governing: Anthropology, Museums, and Liberal Government**. Londres e Durham: Duke University Press, 2017.

- BOAST, Robin. Neocolonial Collaboration: Museum as Contact Zone Revisited. **Museum Anthropology**, v. 34, n. 1, p. 56–70, 2011.
- BOTTESI, Anna. Objects of Stereotype: the role of material culture in the construction of the 16th century imaginary of Brazilian indigenous people. **Nuevo mundo mundos nuevos**, 18 dez. 2023.
- CLIFFORD, James. **Routes: Travel and translation in the late 20th century**. Massachusetts: Harvard University Press, 1997.
- DEBROSSE, Clémentine. Exhibiting the taboo of museums of ethnography. **ICOFOM study series**, n. 51(1-2), p. 73–83, 10 out. 2023. <https://doi.org/10.4000/iss.4988>
- FEEST, Christian. Johann Natterer and the Ethnographic Collections of the Austrian Naturalists in Brazil. In: AUGUSTAT, Claudia (org.). **Beyond Brazil Exhibition Catalogue**. Viena: Weltmuseum Wien, 2012, p. 21-31.
- FEEST, Christian. The collecting of American Indian artifacts in Europe, 1493–1750. In KUPPERMAN, Karen Ordahl (org.). **America in European Consciousness, 1493-1750**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1995.
- FEEST, Christian et al. **Das Museum für Völkerkunde in Wien**. Viena: Museum für Völkerkunde, 1980.
- FERRÃO, Cristina; SOARES, José Paulo Monteiro. **Natterer on the Austrian expedition to Brazil (1817-1835)**. Viena: Kapa Editorial & Editora Index, 2019.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. A Construção do Brasil no Pensamento Europeu dos Séculos XVI, XVII e XVIII. **Acervo**, v. 24, n. 2, p. 7–24, 29 mar. 2012.
- FURTADO, Júnia Ferreira. Tropical empiricism: making medical knowledge in colonial Brazil. In: DELBOURGO, James; DEW, Nicholas (org.). **Science and empire in the Atlantic world**. Nova York: Routledge, 2008, p. 127-152.
- GAZI, Andromachee. Exhibition Ethics - An Overview of Major Issues. **Journal of Conservation and Museum Studies**, v. 12, n. 1, 8 maio 2014.
- GOELDI, Emílio Augusto. (1896). Johannes von Natterer. **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia**, v. 1, n. 3, p. 189-202, 1896.
- GOLDMAN, Irving. The Cubeo indians of the Northwest Amazon. Illinois: Illini books, 1979.
- HAAG, Sabine; ENGELSMAN, Steven. Foreword. In: SCHICKLGRUBER, Christian (org.). **Weltmuseum Wien**. Viena: Weltmuseum Wien, 2017. p. 9-12.
- HAAG, Alexander. **Carta supostamente para Amanda Loreto**. Viena: Weltmuseum

- Wien Archives (WMVK_VA_NA_Loreto_Briefe, Notizen Teil II), 1884.
- HAUER, Franz von. **Allgemeiner Führer durch das k.k. Naturhistorische Hofmuseum**. Viena: Naturhistorisches Hofmuseum, 1909.
- HEGER, Franz von. **Vlg. Inventar**. Viena: Archiv des MKV-Wien, 1910.
- HOLDRICH, Karl. **Objekte der Brasiliensammlung**. Viena: Weltmuseum Wien Archives (Post. Nr: 1817-1835/7, Inv. Nr. 467-2590), s.d.
- INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. ICOM Code of Ethics for Museums. Paris: ICOM, 2017.
- KAKALIOURAS, Ann M.; RADIN, Joanna. ArchivingAnthropos: Tracking the Ethics of Collections across History and Anthropology. **Curator: The Museum Journal**, v. 57, n. 2, p. 147–151, abr. 2014. <https://doi.org/10.1111/cura.12057>
- KARL, Barbara. On The Crossroads: Objects from the Islamic World in Habsburg Collections in the Late Sixteenth and Early Seventeenth Centuries. **Ars Orientalis**, v. 42, p. 114–126, 2012.
- KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara. Objects of ethnography. In KARP, Ivan; LAVINE, Steven. (org.). **Exhibiting Cultures: The Poetics and Poetics of Museum Display**. Washington: Smithsonian Institution Press, 1991. p. 386-443.
- KOCH-GRUNBERG, Theodor. **Die maskentänze der indianer des oberen Rio Negro und Yapura**. Berlim: Archiv für Anthropologie, IV, 293-298, 1906.
- MATAREZIO, Edson Tosta Filho. **A festa da moça nova: Ritual de iniciação feminina dos índios Ticuna**. São Paulo: FFLCH Humanitas, 2019.
- MOURA, Patrícia. **Coleção Etnográfica Loreto-Paranaguá-Schoeller: a trajetória e as lacunas informacionais de uma coleção expatriada**. 2014. 158 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- NATTERER, Johann. **JN Briefe**. Viena: Weltmuseum Wien Archives, 1812-1839.
- NATTERER, Johann. Bips n. 7 mit Henriques. Viena: Naturhistorisches Museum Wien (Tagebuch Fragmente und Aufzeichnungen Teil 2), s.d.
- ORO, Ari Pedro. **Tükuna: Vida ou morte**. Caxias do Sul: USC/EST/Vozes, 1978.
- OSWALD, Margareta von. **Working through colonial collections: An ethnography of the ethnological museum in Berlin**. Leuven: Leuven University Press, 2022.
- PARANAGUÁ, José Lustosa da Cunha. **Carta para Amanda Loreto**. Viena: Weltmuseum Wien Archives (WMVK_VA_NA_Loreto_Briefe, Notizen Teil II), 19 abr. 1883.

- PENNY, Glenn. Traditions in the German Language. In KUBLIKA, Henrika. (org.). **A new history of anthropology**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2008, p.173-190.
- POHL, Johann Emmanuel. **Viagem no interior do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1951.
- POLLOCK, Susan. The violence of collecting. **American Anthropologist**, 18 abr. 2023.
- PRATT, Mary Louise. **Imperial eyes: Travel writing and transculturation**. Nova York: Routledge, 1992.
- RIVET, Michele. Decolonization and Restitution: Moving Towards a More Holistic and Relational Approach. **Museum Worlds**, v. 8, n. 1, p. 204–209, 1 jul. 2020.
- ROBERTS, Lissa. Situating Science in Global History: Local Exchanges and Networks of Circulation. **Itinerario**, v. 33, n. 1, p. 9–30, mar. 2009. <https://doi.org/10.1017/s0165115300002680>
- SAFIER, Neil. Global Knowledge on the Move: Itineraries, Amerindian Narratives, and Deep Histories of Science. **Isis**, v. 101, n. 1, p. 133–145, 1 mar. 2010. <https://doi.org/10.1086/652693>
- SCHMUTZER, Kurt. Johann Natterer (1787-1843): A biographical sketch. In PLANKENSTEINER, Barbara; SCHICKLGRUBER, Christian; STEINMANN, Axel. (org.). **Archive Weltmuseum Wien, 63-64**. Viena: Lit Verlag, 2013, p. 4-23.
- SCHOLLER, Hubert. Participação da Áustria na exploração científica no Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 259, n. 9, p. 208-215, 1963.
- SCHREIBERS, Karl von. **Nachrichten von den kaiserl. österreichischen Naturforschern in Brasilien und den Resultaten ihrer Betriebsamkeit**. Viena: Österreichische Nationalbibliothek, 1820-1822.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLIN, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. O nascimento dos museus brasileiros: 1870-1910. In: MICELI, Sergio (org.). **História das ciências sociais no Brasil (Volume 1)**. São Paulo: Edições Vértice, 1989, p. 20-71.
- SOARES, Bruno. **The Anticolonial Museum: Reclaiming Our Colonial Heritage**. Nova York: Routledge, 2024.
- SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**. Brasília: Senado Federal, 2017.

- TEIXEIRA, Nilza Silvana Nogueira. **Museu Magüta, uma trajetória Ticuna: a colaboração como método no estudo de coleções etnográficas e na formação de museus indígenas**. 2022. 299 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2022.
- VIEIRA, Marina Cavalcante. A Exposição Antropológica Brasileira de 1882 e a exibição de índios botocudos: performances de primeiro contato em um caso de zoológico humano brasileiro. **Horizontes Antropológicos**, v. 25, n. 53, p. 317–357, abr. 2019.
- VERBERGT, Bruno. Transitioning the Museum: Managing Decolonization at the Royal Museum for Central Africa (2000–2020). **Journal of Cultural Management and Cultural Policy / Zeitschrift für Kulturmanagement und Kulturpolitik**, v. 6, n. 2, p. 141–170, 1 dez. 2020.
- WALLACE, Alfred Russel. **Viagens pelo Amazonas e Rio Negro**. Brasília: Senado Federal, 2004.
- WARD, Colette. **The Weltmuseum Wien's Brazilian Collection: Exploring Exhibition Histories and Curatorial Practices**. 2021. 91 f. Dissertação (Mestrado em Heritage and Museum Studies) - University of Leiden, Haia, 2021.
- WELTMUSEUM WIEN. **Objektkatalog**. Viena: Weltmuseum Wien Archives, s.d.